

O Nazismo e o Integralismo em Santa Catarina

João Henrique Zanelatto¹

Logo após a Primeira Guerra Mundial em âmbito mundial observa-se a crise das democracias liberais e ao mesmo tempo a ascensão dos regimes totalitários. (ARENDR: 1989) A década de 1920 foi marcada por um processo de mudanças extremamente conservadoras que se concretizariam efetivamente na década de 1930 e desembocaram na Segunda Guerra Mundial. A queda da Bolsa de Valores de Nova York em 1929 foi decisiva no enfraquecimento da democracia liberal e a ascensão e consolidação dos regimes totalitários europeus – nazismo alemão e o fascismo italiano. (HOBSBAWN, 1995)

Esses regimes exerceram significativa influencia na vida sócio política brasileira e em especial em Santa Catarina. Além da criação de núcleos e partidos nazi-fascistas no Brasil e em Santa Catarina, influenciaram na criação da Ação Integralista Brasileira em 1932 (Gertz: 1984, p. 17. Benzaquem: 1988, p. 25. Gertz: 1987, p. 172) e na forma de direção da nação durante o período em que Getúlio Vargas esteve no poder (1930 – 1945). Assim, o texto busca fazer uma análise de como se processavam as relações sócio-políticas do Brasil e em especial Santa Catarina com o Nazismo e as relações deste com a Ação Integralista Brasileira. Busca perceber também se haviam especificidades nessas relações.

Nazismo e Integralismo: algumas abordagens

Iniciaremos abordando as relações com o Nazismo. Na historiografia, podem ser encontrados vários estudos tanto em âmbito nacional quanto catarinense sobre o Nazismo. De maneira geral, boa parte destes estudos podem ser classificados em duas matrizes explicativas. Na primeira, destacam-se os estudos que consideram a quase totalidade dos imigrantes alemães e seus descendentes sob o controle do Nazismo e que sistematicamente conspiravam contra a Nação. Apontam para a nazificação do

¹ Doutor em história professor do curso de história da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

país e até mesmo a criação de um Estado independente sob o controle da Alemanha. Essa matriz continua sendo difundida, e se fundamenta principalmente nos relatórios das autoridades policiais. (LARA RIBAS: 1944. PY: 1942. BETHLEM: 1939. MONTEIRO: 1979. AMORIM: 2000).

Divergindo da primeira, a segunda matriz procura fundamentar sua explicação justificando que grande parte do que é apresentado como sendo uma atividade nazista e contrária ao Brasil ocorre antes do golpe do Estado Novo e que, portanto, não era, naquele momento, considerada ilegal e nem poderia ser interpretada como antibrasileira. Outra explicação, diz respeito aos discursos de intelectuais, militares e imprensa sobre a nazificação e suposta criação de um Estado dentro do Estado, que teria sido utilizada muito mais para justificar o projeto nacionalizador. (SEITENFUS: 1985. GERTZ: 1987 e 1991. SEYFERTH: 1991. MAGALHÃES: 1998. FALCÃO: 2000).

Há evidências que demonstram uma ambivalência nas relações entre o Brasil e a Alemanha, como também com os imigrantes e seus descendentes. Essa ambivalência transparece na documentação que trata da temática, como também na historiografia, e remete ao século XIX, quando da imigração. Se, por um lado, os imigrantes alemães foram bem vistos com o projeto de “branqueamento”, sua ética para o trabalho e contribuição para o desenvolvimento econômico, por outro, havia uma crescente insatisfação com a inserção sócio-político-econômico-cultural no contexto brasileiro, que se acentuara no pós-1930.

A suposta nazificação do país costuma ser destacada no número significativo de descendentes de alemães estabelecidos no país, pois, dos 40 milhões de brasileiros, aproximadamente um milhão eram teuto-brasileiros. O período mais intenso da imigração alemã para o Brasil ocorreu entre o final da Primeira Guerra e 1933, quando entraram em torno de 80.000 alemães. (GERTZ: 1994, p. 35) Com todo esse contingente de imigrantes e a ascensão econômica da Alemanha nazista, era de se pressupor que um número relativamente grande de imigrantes e descendentes ingressasse no partido. Contudo, essa assertiva não se confirmou, pois, no máximo 3.100 ingressaram no partido. (GERTZ: 1987)

Quanto à organização e à influência nazista em Santa Catarina, observa-se que mesmo antes da tomada do poder na Alemanha, já na década de 20, eram realizadas

as primeiras reuniões do partido na cidade de Blumenau. Há na historiografia vários estudos que procuram refletir sobre a influência do Nazismo, em especial entre os imigrantes alemães e seus descendentes do Vale do Itajaí e Norte do estado. (GERTZ: 1987. SEYFERTH: 1991. MAGALHÃES: 1998. LARA RIBAS: 1944. AMORIM: 2000) Em seus estudos, Gertz (1987) observa que em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul havia entre 400 e 500 filiados ao Partido Nazista em um universo significativo de descendentes e onde estavam em torno de 25.000 imigrantes nascidos na Alemanha. Esses partidários do Nazismo em Santa Catarina “constituíam um distinto grupo social urbano: mantinham ligações diretas com empresas e consulados alemães, dependendo deles para sua sustentação econômica dentro da colônia alemã”.²

A historiografia sobre a simpatia e influência da Alemanha nazista no estado circunscreve-se basicamente a duas regiões, o Vale do Itajaí e o Norte. E as outras regiões? Eram ou não influenciadas? Em relação ao Sul Catarinense, não se encontrou nenhuma evidência da organização da NDASP. Os poucos indícios encontrados na historiografia local apontam para a criação de um campo de “concentração” em Timbé do Sul, onde vários descendentes de imigrantes alemães e italianos foram presos acusados de quinta-coluna.³ Outros foram levados para um campo de concentração criado no interior de Florianópolis.⁴

Toma-se como exemplo a prisão de Jacob Arns, professor da escola do núcleo colonial de Forquilha, situado no município de Criciúma. Arns foi preso em agosto de 1942 e permaneceu até dezembro deste ano na prisão em Florianópolis. Naqueles dias, a colônia de Forquilha viveu um ambiente de medo e terror, pois, além de Arns, foram presos também o senhor Papior, alemão nato, e Richard Steiner, que era alfaiate. O senhor Gabriel Arns, que deveria ser preso, havia fugido, sua casa foi invadida pela polícia, que buscava algo para incriminá-lo, onde nada encontrou, pois já

² PERAZZO, Priscila Ferreira. *O perigo alemão e a repressão no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999, p. 65. Esse perfil dos membros da NSDAP a autora articulou a partir da análise das profissões de 69 presos políticos em Florianópolis vinculados ao partido.

³ Sobre o campo de concentração em Timbé ver: DALL’ALBA. João Leonir. *Colonos e mineiros no Grande Orleans*. Florianópolis: Edição do autor, 1986, p. 222. Recentemente a pesquisa de FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*, 2ª ed. Itajaí Ed. Univali; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2005, procurou compreender como a população civil de Santa Catarina viveu o tempo da Segunda Guerra Mundial, apontou para o cotidiano, as resistências e os diversos papéis vivenciados por homens e mulheres naquele contexto.

⁴ Sobre o campo de concentração em Florianópolis ver FÁVERI. *Memórias de uma (outra) guerra...*

havia queimado livros e revistas em Alemão. (ARNS: 1991, p. 70 – 71) “O prédio da União Colonial, a igreja, a residência das freiras foram vistoriados em busca de um suposto arsenal”. (SILVA: 1998, p. 158) Levados para Criciúma, foram jogados em um cubículo, onde já havia outras 15 pessoas de origem alemã e italiana. No dia em que foram transferidos para Florianópolis, entre o trajeto do presídio até o ônibus que conduziria os prisioneiros, havia uma multidão aglomerada. “Os alunos e professores da rede estadual haviam sido convocados, enfileirando-se nos dois lados da rua. Gritam: ‘professor Jacó – Quinta Coluna’”. (SILVA: 1998, p. 159) Quando saiu da prisão, sua saúde estava bastante debilitada, “lá tive início de escorbuto. Meus dentes estavam frouxos e minha gengiva inchada. Meu peso médio antes foi, por muito tempo, 90 Kg. Quando saí da prisão pesava 60 Kg”. (SILVA: 1998, p. 160) Os indícios levam a crer que os professores Jacob Arns e Adolfo Back foram os descendentes de imigrantes alemães do Sul Catarinense que mais tiveram contato e informações sobre a Alemanha nazista.

Em 1932, em um encontro de professores alemães e teuto-brasileiros em Blumenau, viram pela primeira vez pessoas trajando os uniformes nazistas. Não tinham rádio e nem assinavam jornal da Alemanha. Seus conhecimentos sobre o Nacional-Socialismo tiravam dos jornais “*Das Deutsche Volksblatt* (a Folha do Povo Alemão) de Porto Alegre e *Der Kompass* (O Compasso) [sic] de Curitiba”. (SILVA: 1998, p. 139) Com a ascensão de Hitler ao poder, as escolas alemãs recebiam subsídios e juntamente o material de propaganda da NDASP.

Vê-se que um dos caminhos por onde as informações sobre a Alemanha nazista chegavam aos núcleos coloniais era pela escola, e os professores dessas escolas eram possíveis divulgadores da ideologia nazista. Arns dizia que o material sobre o Nazismo jogava ao fogo, no entanto havia sido nomeado pelo Cônsul Alemão em Florianópolis e pelo presidente da Associação de Escolas para assumir como chefe de distrito da Associação de Professores do Sudeste de Santa Catarina. (SILVA: 1998, p. 139) Além disso, era um profundo defensor da germanidade⁵ e por esta época era a

⁵ SEYFERTH, *Nacionalismo e identidade étnica...*, p. 49. Para a autora, era característica dos teuto-brasileiros conservarem a sua germanidade, o *Deutschtum* através das práticas culturais e do uso da língua. Assim, “a questão da identidade étnica teuto-brasileira pode ser resumida pela expressão *Deutschtum* (...) como o ponto crucial de uma ideologia nacionalista que coloca o direito de sangue como determinante da nacionalidade acima do Estado e da cidadania”. Considerava o nacionalismo alemão uma característica fundamental da ideologia teuto-brasileira. Contudo, como observou

Alemanha nazista que subvencionava as escolas e, portanto, a conservação da língua e dos costumes do país de origem. Isso tudo sugere que Arns, se não era um nazista convicto, ao menos simpatizava com o regime de Hitler, com a Alemanha e seus feitos, e possivelmente tenha recebido alguma influência do *Reich*.

Negar vínculo, influência e simpatia com o Nazismo certamente configurou-se em uma estratégia não só para Arns como também para muitos imigrantes e descendentes que, na tentativa de assegurar seu espaço de viver menos visado pelos órgãos do governo e pelos discursos pejorativos, experiência marcada pela violência física, e psicológica, tiveram que renegociar identidades, e foram obrigados a silenciar e desfazer-se de documentos que poderiam comprometê-los.

Contudo, a simpatia para com os fascismos europeus não se restringiu somente aos imigrantes e seus descendentes; há indícios muito fortes desta simpatia entre os luso-brasileiros. A crise da democracia liberal, os bons resultados que vinham alcançado os regimes totalitários e a oposição deste ao Comunismo contribuíram para a popularidade dos fascismos entre luso-brasileiros. Pode-se dizer que grande parte da imprensa catarinense era simpática aos fascismos, ao menos até 1938, pois as relações entre Brasil e Alemanha eram bastante profícuas. Exemplo disso foi às relações comerciais entre os dois países, que, com a ascensão de Hitler, desenvolveram-se de modo considerável, tanto que em 1936 a Alemanha superava os Estados Unidos nas importações para o Brasil (SEITENFUS: 1985, p. 84) e as exportações catarinenses tinham os alemães como o seu segundo melhor comprador, só perdendo para a Argentina. (*Diário Oficial do Estado*, 16 de julho de 1936, p. 19).

Desta forma, a admiração pelo Nazismo contagiou a imprensa da capital, os principais jornais, *República* e *A Gazeta*, estampavam constantemente em suas páginas a figura de Hitler, os feitos da Alemanha, a programação da rádio alemã para América do Sul, ressaltando os dias em que eram transmitidas em português. (FALCÃO: 2000, p. 131 -132). No Sul Catarinense, basicamente o único jornal que expressava simpatia para com o Nazismo era o *Albor*, que reproduzia artigos publicados em jornais de circulação nacional.

SILVA, Janine Gomes da. *Tempo de Lembrar, tempo de esquecer... As vibrações do centenário e o período da nacionalização: histórias e memórias de Joinville*. Florianópolis: UFSC, 2004, p. 29. (Tese de doutorado em história), “esta forma de compreender a questão da identidade étnica pode ser relativizada, haja vista que, possivelmente, passados tantos anos do início da colonização, muitos teuto-brasileiros já tinham ressignificado à própria ‘idéia de germanidade’”.

A Alemanha, cujos filhos sempre se destacaram pelo seu espírito construtor, sentia a falta de um guia que tivesse a necessária envergadura moral para enfrentar sem esmorecimento todos os obstáculos que vinham impedindo sua marcha triunfal de nação progressista. A vitória do partido nazista resolveu magnificamente para os alemães essa situação opressora, e a entrega ao chanceler Hitler, da direção de um povo digno por todos os títulos da nossa admiração, representa incomparável conquista ideológica. (*Albor*, 14 de maio de 1933. Ano XXXII, nº 1.497).

Esse era o último parágrafo do artigo intitulado “A Alemanha e os Semitas”, onde se destacava Hitler como um grande estadista pelas medidas econômicas que vinha adotando bem como tecia duras críticas aos judeus, que dominavam o sistema financeiro do país e “trabalhavam para a fixação de um estado de coisas desfavorável aos objetivos dos que desejavam livre a nação do abismo a que se abeirava”, (*Albor*, 14 de maio de 1933. Ano XXXII, nº 1.497) e assim justificava as ações que o *Reich* começava a colocar em prática contra os semitas. Como o jornal *Albor* era da cidade de Laguna e que, portanto, seus leitores eram formados em sua maioria por luso-brasileiros, tem-se que o Nazismo gozava de simpatia entre essa população. Apesar da simpatia pelo Nazismo que se encontra nos jornais, parece que, entre a população em geral, a sua popularidade era restrita.

No que tange às relações entre o Nazismo e o Integralismo, observa-se também na historiografia a existência de duas vertentes explicativas. Na primeira procura-se destacar uma identificação entre Nazismo e Integralismo e que este último era utilizado para camuflar a ação nazista. (LARA:1944). Apesar das críticas formuladas pela historiografia a essa visão, a proximidade entre Nazismo e Integralismo ainda vem sendo defendida. Recentemente, foi publicado o livro *Nazismo em Santa Catarina*, no qual o autor, ao abordar a organização nazista no estado, procura defender a proximidade entre as duas agremiações, chegando a ponto de argumentar que com o apoio da Alemanha “teria havido a tentativa de se criar no Sul do Brasil um Estado Integralista-Nazista independente, reunindo o estado do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul”. (AMORIM: 2000, p. 89).

Divergindo desta assertiva, vários estudos demonstraram que, ao invés de cooperação, existiam muito mais atritos entre nazista e integralistas nas colônias alemãs. (GERTZ, 1987. FALCÃO: 2000) Isso não descartou algumas tentativas de diálogo, sendo que alguns membros da NSDAP aliaram-se ao Integralismo. Stanley Hilton, em

seus estudos, aponta vários indícios de uma possível cooperação entre nazistas e integralistas. Conforme o autor, os adversários do Integralismo diziam que este não passava de uma mera extensão da NSDAP, que Berlim fornecia armas para os camisas verdes, que o Integralismo imitou os símbolos do Nazismo, que Gustavo Barroso era abertamente admirador do *III Reich*, e que Plínio Salgado estivesse interessado em apoio financeiro da Alemanha. (HILTON: 1977, p. 32 – 34).

Entretanto, Hilton destacou também que as autoridades alemãs viam com reservas uma proximidade com os integralistas, sendo que algumas vozes chegaram a esboçar que o Integralismo no poder poderia aniquilar a cultura alemã e, portanto, era o mais perigoso adversário da NSDAP.

O nacionalismo dos integralistas chocava-se frontalmente com os interesses culturais alemães no Brasil, pois, em seu desejo de forjar uma nação unida, os camisas-verdes insistiam na assimilação de todas as ‘colônias estrangeiras’. Uma das principais reformas que o partido advogava, por exemplo, era o uso obrigatório de português nas escolas particulares das regiões de colonização estrangeira. Salgado também criticou ideologicamente o Nazismo em várias ocasiões. A idolatria de um homem na Alemanha, escreveu Salgado numa ocasião, era ‘resíduo de um século morto’. Apontou para ‘a tendência pagã perigosa do hitlerismo’, e lamentou que o misticismo alemão carecesse de base cristã. O tema do *Lebensraum* (espaço vital), da propaganda nazista Salgado tachou de ‘puramente materialista’, e rejeitou completamente as teorias raciais nazistas, condenando racistas, como Gobineau, com inimigo do Brasil. (HILTON: 1977, p. 34 – 35).

Como se pode observar, as palavras de Hilton sugerem muito mais tensão do que uma conexão entre nazistas e integralistas. Em relação ao uso da língua portuguesa defendida pelos integralistas nas colônias alemãs, como, por exemplo, as do Vale do Itajaí, a imprensa teuto-brasileira que fazia a propaganda do Integralismo, por meio das *Blumenauer Zeitung* e da *Joinvillenser-Zeitung*, dava “garantias de sobrevivência às escolas alemãs, ao uso da língua alemã e à manutenção do *Deutschbrasilianertum* em geral, desde que não fossem esquecidos o ensino do português e outras disciplinas como a história do Brasil”.⁶ Isso certamente provocava um incômodo entre os nazistas do Vale.

De parte do Integralismo, a oposição ao Nazismo vinha de sua maior liderança Plínio Salgado, o que certamente repercutia nos núcleos integralistas de Santa

⁶ Sobre como o Integralismo procurou resolver esse problema com os alemães e seus descendentes ver: SEYFERTH, *Nacionalismo e identidade étnica...*, p. 103.

Catarina. De fato, Salgado, desde 1934, em artigos publicados em *A Ofensiva* e em alguns de seus livros, tecia duras críticas ao Nazismo. Além do combate ao capitalismo internacional, ao comunismo, afirmava ter um terceiro elemento a ser combatido. Essa terceira concepção política era o “Estado Nacional-Socialista, aquele Estado que, adotando o critério socialista de Marx, conciliava-o com o sentimento patriótico, produzindo um nacionalismo exacerbado e dominador”.⁷

No Sul Catarinense, em 22 de Janeiro de 1935, o núcleo integralista de Laguna como em todo Brasil, comemorava o aniversário de Plínio Salgado. Por ocasião do festejo organizado pelo núcleo de Laguna, o jornal *Albor* dava ampla cobertura ao evento em sua primeira página. O articulista do jornal que cobria o evento exaltava o chefe nacional, Plínio Salgado, dizendo ser este não um homem, mas uma idéia, e a voz da idéia era a voz da pátria, e por fim Salgado era comparado a Mussolini, Hitler e Salazar. “Ele forma o quarteto universal sobre cujos ombros repousa a tranqüilidade do mundo. É um predestinado”. (*Albor*. Laguna, 27 de Janeiro de 1935. Ano XXXIV, nº 1.584). Entretanto, no mesmo jornal, o chefe municipal de Laguna, Antonio Mussi, ao fazer uma comparação com os fascismos europeus, concluía que o Integralismo não era uma cópia dos movimentos congêneres, “mas sim uma necessidade que se impunha ante o chamado freqüente que dirige seus filhos a nação agonizante”. (*Albor*. Laguna 13 de Janeiro de 1935. Ano XXXIV, nº 1.582.).

Bibliografia:

AMORIM, Aloizio Batista de. *Nazismo em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 2000.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de. *Totalitarismo e Revolução: O integralismo de Plínio Salgado*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

ARNS, J. Crisóstomo. *Tempo do Pai: Gabriel Arns (1890-1990)*. Curitiba: Linarth, 1991.

ARENDR, Hannah. *Origens do totalitarismo* (anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BETHLEM, Hugo. *Vale do Itajaí: jornada de civismo*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1939.

⁷ SALGADO, Plínio. *Obras Completas*. São Paulo: Ed. das Américas, vol. 10. As críticas de Salgado ao Nazismo podem ser encontradas também em: HUNSCHE, Carlos Henrique. *O Integralismo brasileiro*. Tese de doutorado autorizada pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Friederich Wilhelm, Berlim, 1938, p. 98-99.

- COHEN, Esther. *O governo federal e o partido nazista no Brasil*. Niterói, UFF, 1998 (Dissertação de mestrado).
- CARNEIRO, J. Fernando. *Imigração e colonização no Brasil*. Rio de Janeiro: Faculdade Nacional de Filosofia, 1950.
- DALL'ALBA, João Leonir. *Colonos e mineiros no Grande Orleans*. Florianópolis: Edição do autor, 1986.
- FALCÃO, *Entre ontem e amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX*. Itajaí: Editora da UNIVALI, 2000.
- FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*, 2ª ed. Itajaí Ed. Univali; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2005.
- GERTZ, René. O integralismo em Santa Catarina. *Revista do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina*, 3ª fase, n. 5, 1984.
- GERTZ, René. *O fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 172, a AIB foi criada em Santa Catarina em 1934 e rapidamente se expandiu pelas áreas de imigração européia colocando o estado com o terceiro maior numero de filiados perdendo somente para São Paulo e Bahia.
- GERTZ, René. O Perigo Alemão. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1991.
- GERTZ, René. A construção de uma nova cidadania. In: MAUCH, Claudia; e VASCONCELOS, Naira (Org.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.
- HILTON, Stanley E. *O Brasil e a Crise Internacional (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- HOBBSBAWN, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HUNSCHE, Carlos Henrique. *O Integralismo brasileiro*. Tese de doutorado autorizada pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Friederich Wilhelm, Berlim, 1938.
- LARA RIBAS, Antonio de *O punhal nazista no coração do Brasil*. 2ª ed. Florianópolis – Imprensa Oficial, 1944.
- PY, Aurélio da Silva. A 5ª. Coluna no Brasil. 3ª ed. Porto Alegre: Globo, 1942.
- MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. *Pangermanismo e Nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1998.
- MONTEIRO, Jaecyr. *Nacionalização do ensino em Santa Catarina. 1930-1940*. Florianópolis: UFSC, 1979.
- PERAZZO, Priscila Ferreira. *O perigo alemão e a repressão no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999, p. 65.
- PY, Aurélio da Silva. A 5ª. Coluna no Brasil. 3ª ed. Porto Alegre: Globo, 1942.
- SALGADO, Plínio. *Obras Completas*. São Paulo: Ed. das Américas, vol. 10.

SEITENFUS, Ricardo Antonio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-1940: o processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília INL. Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.

SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: FCF, 1981.

SILVA, Janine Gomes da. *Tempo de Lembrar, tempo de esquecer... As vibrações do centenário e o período da nacionalização: histórias e memórias de Joinville*. Florianópolis: UFSC, 2004. (Tese de doutorado em história).

SILVA, Walburga Arns da. *Saga de uma família teuto-brasileira: Lehrer Arns, registro e vida de um professor de colônia*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1998. p. 158.

Jornais:

Diário Oficial do Estado, 16 de julho de 1936, p. 19.

Albor, 14 de maio de 1933. Ano XXXII, nº 1.497.

Albor, 14 de maio de 1933. Ano XXXII, nº 1.497.

Albor. Laguna, 27 de Janeiro de 1935. Ano XXXIV, nº 1.584.

Albor. Laguna 13 de Janeiro de 1935. Ano XXXIV, nº 1.582.

Diário Oficial do Estado de Santa Catarina, 16 de julho de 1936, p. 19.